

# A batalha do BNDES

Carlos Lessa, ainda presidente do BNDES e Chico Alencar, do PT (à esq.) / AE

**Os dois anos de Carlos Lessa na direção do grande banco de investimentos do país foram uma espécie de guerra. E ele caiu como um lutador, atirando**

Raimundo Rodrigues **Pereira**

Cerca de uma semana antes de ser demitido da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, Carlos Lessa disse a amigos que a demissão, que os jornais conservadores já haviam anunciado dezenas de vezes ao longo dos quase dois anos em que ele permaneceu no cargo, parecia ser, finalmente, para valer. É que divisou o início de um processo vindo dos mais altos escalões do governo e que poderia levar à asfixia e à morte lenta do banco, o maior órgão de financiamento do país, uma instituição do porte do Banco Mundial. Ao seu estilo, ele denunciou a operação. E, como considerava os fatos gravíssimos, foi veemente. Para entender a sequência dos fatos até a quinta-feira, dia 18 de novembro, em que o presidente mandou um avião da FAB buscá-lo no Rio para a conversa no Palácio do Planalto na qual o demitiu, deve-se voltar no tempo uma semana, a 10 de novembro. Neste dia, a jornalista Cláudia Safatle, do *Valor*, o principal órgão de imprensa dos meios financeiros do país, escreveu que o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, colocara na sua agenda de trabalho para o biênio 2005/2006, ao lado das duas

propostas que são como que os símbolos do projeto neoliberal para as finanças brasileiras – a autonomia do Banco Central e a desvinculação entre o salário mínimo e os benefícios da Previdência Social –, uma terceira, que atingia Lessa diretamente: a idéia de reduzir gradualmente os créditos direcionados, aqueles concedidos para a compra da casa própria, para a agricultura e *para linhas do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social*. No artigo, a jornalista já dava uma dimensão do problema para o banco: hoje, dizia ela, o crédito total representa 26,3% do PIB; o crédito direcionado é mais ou menos um terço disso – atualmente, R\$ 165,9 bilhões; e, dele, a parte do BNDES é nitidamente a maior, R\$ 91,4 bilhões. Reduzir o crédito direcionado significaria, portanto, principalmente, reduzir o dinheiro do BNDES.

No artigo, além disso, a jornalista dizia que Palocci já tinha apresentado essa agenda de reformas à missão técnica do Fundo Monetário Internacional na segunda, dia 9. Antes disso, já a havia discutido com a Câmara de Política Econômica do governo, que é presidida por Palocci e da qual participam o ministro do Planejamento,

Guido Mantega e o da Indústria e Desenvolvimento, Luiz Furlan (Lessa também tinha assento nessa Câmara, mas um decreto de Lula, de julho deste ano, eliminou essa participação). No texto de Cláudia não havia qualquer informação entre aspas. Poderia ser apenas um movimento inicial; uma sondagem. Não era; era oficial.

Na quarta, dia 11, o jornal publicou fotos e detalhes da palestra de Henrique Meirelles, o presidente do Banco Central, no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, exatamente sobre como o sistema de crédito direcionado encareceria as taxas de juros. O *Valor* dizia também que tanto o ministro da Fazenda como Mantega autorizaram esses estudos. E mais: que a palestra de Meirelles no Conselho tinha sido encomendada pelo presidente da República que, inclusive, acompanhou as principais apresentações do chefe do BC.

Ao perceber que não se tratava mais de um boato, nem de estudos divulgados por assessores de escalões intermediários, Lessa resolveu sair atirando. A história de Lessa, contada por ele a REPORTAGEM, está nas três páginas seguintes.

## “Vou escrever *Do Sonho ao Pesadelo*”

**REPORTAGEM** *Como foi sua reunião com o Presidente?*

**Carlos Lessa** Eu não sabia ainda que era a demissão. Mas logo que comecei a falar com ele, percebi. Lula é uma pessoa muito afável, mas estava tenso. Eu percebi claramente que o jogo já estava definido. Aproveitei, então, para falar sobre o banco, para defender a nossa administração. Eu fiquei praticamente uma hora falando, sem que ele interrompesse.

**REPORTAGEM** *Ele já havia falado da demissão?*

**Lessa** Não. Quando eu terminei de falar é que ele falou.

**REPORTAGEM** *Ele não comentou suas observações?*

**Lessa** Não. Nada, nada, absolutamente nada.

**REPORTAGEM** *Na declaração aos jornais na qual você atacou o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, você diz que não sabe se é ele que está pagando a orquestra, mas com certeza ele é o regente do ataque ao BNDES. Pode-se entender por essa declaração que você não estava querendo dizer quem era o mandante do ataque do Meirelles. Você tinha dúvidas de que ele obedecia a uma orientação mais geral?*

**Lessa** Veja os fatos. Por que eu fiz questão de falar ao presidente da eficácia do BNDES? Eu recebi um orçamento de 33 bilhões de reais para executar em 2003. A imprensa cansou de dizer que não executaríamos esse orçamento. Mas executamos integralmente. Terminamos o ano com um lucro de mais de 1 bilhão de reais. Como se falava de espetáculo do crescimento, projetamos para 2004 um orçamento de 48 bilhões de reais. Aí comecei a tomar paulada da imprensa, numa operação aparentemente orquestrada, que eu não executaria o orçamento. Mas o banco não é uma unidade de gasto; é uma unidade de empréstimo. Empréstimo é um ato de pactuação entre quem empresta e quem toma emprestado. O banco só empresta quando alguém apresenta um projeto de desenvolvimento. Eu corri atrás dos grandes projetos de

desenvolvimento o ano inteiro, mas os grandes empresários não os apresentaram. E aí surgiu um contra-argumento dizendo que o BNDES não estaria executando o orçamento por ineficiência de gestão. Dos 48 bilhões do orçamento, tenho quase certeza de que o BNDES termina o ano aplicando 87%. Eu recuso de maneira radical a acusação de ineficiência. Até setembro o lucro do BNDES se aproxima de 2 bilhões de reais. Além disso, eu pré-aprovei para o próximo ano um orçamento de 60 bilhões de reais. Isso faz do BNDES o maior banco de desenvolvimento do mundo, se a taxa de câmbio ficar estável. Elevamos as operações como um todo em mais de 20%, em termos reais; e crescemos em todas as áreas, ou seja, pequena e média empresa, exportação, agro-indústria, cartão BNDES... Então, onde está a ineficiência? O desempenho menos gratificante foi na indústria, porque a indústria ficou cética em relação ao espetáculo do crescimento. Espetáculo do crescimento em que a taxa de juros, a taxa Selic, toda hora é empurrada para cima? Não. Isso sinaliza o contrário.

**REPORTAGEM** *Segundo o jornal Valor foi o presidente Lula que pediu ao Meirelles para fazer a exposição cujo conteúdo você criticou tão duramente. O presidente lhe disse algo a respeito na reunião final que vocês tiveram?*

**Lessa** Não, não me disse nada disso. Ele disse apenas que eu talvez tivesse sido inábil. Só que inábil é muito vago. Mas eu disse a ele que realmente devo ter feito muitos inimigos. E relacionei os inimigos que achava que tinha feito. O Departamento de Estado norte-americano, por exemplo, não estava nada satisfeito com o desempenho do BNDES. Porque, por exemplo, nós achávamos que o país pode se converter rapidamente num grande produtor mundial de urânio enriquecido; porque nós achávamos que

a indústria de defesa, que sobreviveu a esses anos todos e tem capacidade de geração tecnologia, tem de ser amparada; nós achamos que a Amazônia é fundamental para o país – estamos financiando projetos importantíssimos na Calha Norte para as forças armadas. Além disso, presidente, eu disse, fiz inimigos muito fortes no setor financeiro, no mercado de capitais...

**REPORTAGEM** *Para reconstituir os eventos da sua demissão. Cerca de uma semana antes, a jornalista Cláudia Safatle escreveu sobre o compromisso do ministro Palocci com o Fundo Monetário Internacional na questão dos chamados créditos direcionados. No dia seguinte, teve a palestra do Meirelles...*

**Lessa** Se você quer reconstituir os fatos externos, então, é o seguinte. Começou há mais de um ano, quando o Fundo Monetário Internacional divulgou a idéia de que os juros

### “O dr. Palocci tem essa visão ingênua de que a política econômica é como uma terapia clínica”

do BNDES tinham subsídio. Na ocasião eu disse que isso era coisa de ignorante. Quem defendeu essa posição aqui foi o secretário do Tesouro, Joaquim Levy. Era uma coisa terrível, por duas razões: primeiro, porque se um país subsidia, abre-se a possibilidade de ação na Organização Mundial do Comércio contra ele; e, como quase todas as empresas brasileiras exportadoras tomaram empréstimos do BNDES, isso abre um flanco enorme para uma retaliação. Por outro lado, é uma estupidez semântica. Por uma razão muito simples: só há subsídio quando você vende por um preço inferior ao que você compra. Como o BNDES paga a TJLP [Taxa de Juros de Longo Prazo] pelo dinheiro que toma do FAT [Fundo de Amparo ao Trabalhador] e cobra TJLP daqueles a quem empresta, não há subsídio. Não pode haver, por definição. Na época eu dei então uma paulada violenta nessa tese. Até o FMI chegou a dizer que de maneira nenhuma tinha

proposto isso. De fato, tinha.

**REPORTAGEM** *E a questão dos créditos dirigidos..*

**Lessa** Depois, então, veio o artigo assinado pelo Pécio Arida, pelo André Lara Resende e pelo Edmar Bacha, três ex-presidentes do BNDES, no qual eles diziam que seria possível reduzir a taxa de juros se se acabasse com os créditos direcionados. E algum tempo depois, o Edward Amadeo, que foi ministro do Trabalho do Fernando Henrique disse que se deveria abrir uma *janela* para os bancos no FAT, que é o principal recurso de que o BNDES dispõe para financiar o desenvolvimento de longo prazo. Isso reduziria o custo das captações dos bancos; e a competição interbancária reduziria o spread. Acho até que esse artigo era como que um trabalho de consultoria. Porque, embora um disparate completo, corresponde a interesses do sistema financeiro. Porque eu cortei a conexão dos bancos com os recursos do FAT através dos grandes projetos do BNDES. Os grandes projetos passaram a ser feitos só com o BNDES. O BNDES empresta dinheiro para pequenos, médios e grandes projetos. Historicamente, a intermediação de recursos para as pequenas e médias empresas é feita pelos bancos, porque a rede bancária dá capitalidade ao BNDES. Mas as grandes operações sempre foram vistas de modo diferente, elas são estruturantes da economia do país, na perspectiva de um banco de desenvolvimento. Só que a decisão anterior, que prevaleceu durante os anos tucanos, foi a de que o BNDES não era um banco de desenvolvimento, mas um banco de investimentos como os outros e, como tal, para minimizar o risco, deveria formar sindicatos de bancos para fazer operações. Por exemplo, para emprestar dinheiro a Petrobrás. Ora, isso é ridículo. Eu cortei uma operação dessas dos bancos e disse: eu me sinto muito mais confortável com um empréstimo direto à Petrobrás do que a vocês. Isso virou um divisor de águas, claro.

**REPORTAGEM** *Isso foi quando?*

**Lessa** Foi antes do artigo dos três e do artigo do Amadeo. Isso veio ao longo do ano, num crescendo. Agora, há cerca de um mês e pouco eu escutei

do Bernard Appy, que é o secretário-geral do ministério da Fazenda, quando estávamos discutindo as operações do Progeren, uma argumentação parecida. O Progeren é um programa de geração de emprego e renda com empréstimos de dois anos, com um ano de carência no pagamento dos juros, para que as empresas que gerem emprego e aumentem produção tenham um reforço de capital de giro. Qual o argumento do Appy? Ele disse que o programa era um equívoco e que poderia significar um tiro no pé; porque carregando mais recursos para o crédito direcionado, isso forçaria o BC a elevar a Selic. É um absurdo: operações de crédito direcionado são operações que todos os países do mundo fazem para estimular suas atividades, para desenvolver projetos, incentivar novos setores... O nosso programa de capital de giro é de dois anos de prazo. Mas, é claro, ele ia bater no spread dos bancos. Porque, como eu estava oferecendo dinheiro a uma taxa bem baixa, os grandes bancos seriam perdedores...

**REPORTAGEM** *Depois do Appy veio o Meirelles?*

**Lessa** É. Logo depois eu sou surpreendido com a exposição do Meirelles. As explicações supostamente técnicas que ele deu para o alto spread bancário são: a legislação brasileira que protegeria muito mais o devedor do que o credor, e por isso a elevadíssima inadimplência; e os créditos direcionados, que forçariam a elevação da taxa de juros básica porque reduzem o espaço para os bancos operarem. Aí eu levantei o pé e no dia seguinte dei uma porrada no Meirelles. Foi a primeira vez no governo na qual eu ataquei a política econômica frontalmente. A imprensa



sa cansou de dizer que eu criticava essa política. Mas não: eu defendia o que o BNDES estava fazendo. Eu não criticava os outros. Desta vez, não: porque estava diante de uma proposta de liquidação do BNDES. Aliás, a proposta é uma espécie de privatização dos bancos oficiais; não por sua venda, mas pela eliminação dos recursos que permitam aos bancos oficiais operarem como instrumentos de política econômica. E aí veio minha demissão. Eu fui ao banco convidado pelo presidente Lula

para fazer do BNDES o banco dos sonhos dos brasileiros. E acabei dizendo que a proposta do Meirelles era um pesadelo. Aliás, *Do Sonho ao Pesadelo* é o título do livro que vou escrever sobre esta minha experiência.

**REPORTAGEM** *Um economista de São Paulo, Carlos Eduardo Carvalho, que foi o coordenador da primeira campanha do*

*presidente Lula, escreveu uma carta a respeito de sua avaliação do presidente e dos líderes sindicais hoje no governo. Ele critica sua avaliação por ser muito otimista em relação ao presidente e ao povo brasileiro. Diz por exemplo, que o povo brasileiro tem essa elite sindical*

*que – não é que se vendeu por dinheiro –, mas que se entregou sem lutar...*

**Lessa** Se lutaram ou não lutaram, eu não sei. Mas uma coisa eu posso te dizer: antes de lançar o Progeren eu conversei com todas as centrais sindicais. Todas apoiaram o projeto. Aliás, conversei também com as federações da indústria. Todas apoiaram o projeto. Eu tive muito apoio do movimento sindical. Eles me apoiaram muito especialmente em dois momentos, na proposta de redução da TJLP. E os trabalhadores perdem, porque o BNDES paga menos ao FAT se a TJLP se reduz. Mas eles sempre me disseram que preferiam ter mais emprego

## “Cortar o crédito dirigido é uma espécie de privatização dos bancos oficiais”

do que receber mais para o seguro desemprego. A mobilização das federações das indústrias pela redução da TJLP foi mais lenta. É porque os industriais sempre ficam divididos entre a receita operacional e a receita não operacional, financeira.

**REPORTAGEM** *Politicamente, quais foram as lições práticas desse episódio para você?*

**Lessa** Eu sempre fui professor. Agora volto a ser professor. Em segundo lugar, minha vida foi sempre basicamente na oposição. Na minha vida inteira, tive um período curto no governo Goulart [Jango Goulart, 1961-64], a quem eu ajudei até a montar discursos, junto com o Ignácio Rangel; depois tive um período de governo na Nova República, quando fui diretor do setor so-

cial do BNDES e trabalhei junto com outros na questão da previdência social. Fui também assessor do Ulysses Guimarães [líder do PMDB] e estive com ele na sua campanha para a presidência, na eleição que o Collor ganhou [1989]. E fiquei na oposição durante todos os anos 90. Minha experiência maior, portanto, é de estar na oposição. Minha experiência como militante partidário se restringe ao MDB e no PMDB do doutor Ulysses Guimarães. Então meu primeiro impulso é voltar para a Universidade, escrever alguns livros, alguns dos quais não tem nada a ver com a política brasileira atual. Agora, eu me sinto na obrigação de socializar para os meus alunos e para os interessados o que foi a minha experiência como presidente do BNDES. E sobre o resto, o futuro a Deus pertence. Eu estou impressionado com a quantidade de manifestações de apoio que recebi. Até já lançaram meu nome para senador, para governador. Mas o que eu posso dizer é que nesse momento eu volto a ser professor, porque eu estive banqueiro mas sou professor. E vou estar em oposição à política econômica executada pelo doutor Antônio Palocci e pelo doutor Henrique Meirelles

## “Acho que o presidente Lula está iludido por esse discurso do sacrifício, da austeridade”

**REPORTAGEM** *Como você caracterizaria essa política?*

**Lessa** Acho que ela é o caminho para o deserto. O doutor Palocci é um médico. Todo médico sabe que é necessário – nas terapias, nas intervenções clínicas –, uma ação sobre o cidadão, que produz seqüelas, dores ou debilita o organismo. Essas intervenções são fundamentais para a cura das pessoas. Então, na mentalidade do médico, tem sempre um período de sofrimento para se chegar ao paraíso, que é a saúde. Eu acho que é fácil assimilar a idéia de que a gestão da política econômica é como uma terapia clínica: o país está doente, e para voltar à saúde, para combater uma infecção chamada inflação, vale tudo. Se um indivíduo tem uma infecção brutal o médico taca antibiótico, e mesmo que arrebente o fígado do paciente,

primeiro quer acabar com a infecção, depois volta para ver o fígado. O nosso ministro Palocci tem do desenvolvimento econômico, me parece, essa visão ingênua.

**REPORTAGEM** *E o Meirelles?*

**Lessa** Claro que esse não tem nada de ingênuo. O doutor Meirelles foi presidente do Banco de Boston e o que se pode dizer de uma pessoa que foi presidente do Banco de Boston é que ele tem de tudo menos de ingênuo. O Palocci, em matéria de política econômica faz um reducionismo. A sociedade não tem infecções da mesma natureza que as dos indivíduos. Para mim não tem nenhuma Terra Prometida depois desse sofrimento. Aonde se pode chegar é a uma argentinização, ou seja, à destruição do aparelho de Estado... Uma das diferenças fundamentais entre o Brasil e a Argentina é que o Estado brasileiro não foi tão devastado quanto o argentino. O governo Kirchner está tendo de refazer as instituições centrais do Estado argentino. Nós preservamos ainda muitas coisas importantes. Um pedaço muito importante da energia, com as geradoras estatais, com a Petrobrás. Nós preservamos um setor importantíssimo, o dos bancos públicos – BNDES, Caixa Eco-

nômica Federal, Banco do Brasil, Banco da Amazônia, Banco do Nordeste, um sistema de bancos públicos que a Argentina não tem mais.

**REPORTAGEM** *O Meirelles sabe tudo, o Palocci pode ser ingênuo, e o presidente Lula?*

**Lessa** Eu tenho uma grande admiração pelo presidente Lula porque ele é para mim a imensa potencialidade do povo brasileiro, essa coisa fantástica. Eu sempre lembro deslumbrado as palavras dele ao receber o cargo de presidente, quando disse que era o primeiro diploma que ele recebia. Ele tem também essa lealdade fundamental do nordestino, essa fidelidade à região de onde veio. Acho que se ele conseguir levar adiante o programa de transposição das águas do São Francisco e o da grande ferrovia transnordestina ele pode criar na região uma espécie de Califórnia brasileira. No entanto, acho que ele está iludido por esse discurso do sacrifício. Eu consigo entender porque. Quem é do povo sabe como é necessário ser austero. Só que essa experiência individual de austeridade em economia não funciona, equivale a comprar o discurso neoclássico. Para mim, que sou keynesiano, kaleckiano [Keynes e Kalecki, economistas de correntes que se pode chamar de antineoliberais, NR], isso não funciona. Há outra contradição. A política externa do governo Lula é de gênio – a idéia estratégica de fortalecer as relações sul-sul, com a América Latina, com a África, com a Índia, com a China – merece nota 10. Por outro lado, o presidente Lula tem ouvido o canto da sereia dos grandes empresários internacionais que dizem que estão dispostos a investir no Brasil, se.... e aí abrem uma lista de concessões. O que eles dizem é que, se o país abrir mão dos controles nacionais, quanto mais abrir, mais investimento terá. Mas isso é uma balela. Todas as grandes empresas internacionais já estão no Brasil. Eles não investem não é porque não vêm para cá. Eles já estão aqui. Não investem porque o Brasil não cresce. A idéia de ir para fora em busca do capital é ingênua. As concessões que eles pedem, a austeridade que pregam não nos leva a lugar algum. A política econômica atual está à direita da dos tucanos. Não nos leva a paraíso algum, leva ao deserto. ■